

Como a beleza e a sobriedade na Liturgia podem evangelizar

Celebramos na Liturgia o Mistério Pascal de Cristo – Sua Paixão, Ressurreição e a gloriosa Ascensão ao Céu. Enquanto Jesus derramava seu sangue por amor, a Igreja nascia. E foi aos apóstolos que Cristo confiou a missão de continuar a obra por Ele iniciada. Tudo o que Jesus realizou na terra permanece acontecendo em todo tempo por meio da Liturgia – na Missa, nos sacramentos, na celebração da Palavra, na oração da Liturgia das Horas e em tantos outros momentos da vida eclesial.

“Tudo o que na vida do nosso redentor era visível, passou para os ritos sacramentais”, explicou no século V, o Papa Leão Magno (Sermões para a Ascensão, n. 3; AL 4340). E, por ser a Liturgia o prolongamento das ações de Cristo, é que ela contém em si um valor único e sagrado, de singular beleza.

Ainda sobre a dimensão do que é belo, João Paulo II, na Carta aos Artistas, diz que “a beleza é a expressão visível do bem”. Ou seja, na Liturgia, a ação de Deus na vida das pessoas está profundamente conectada à beleza e à bondade dele. Deste modo, ainda que não seja a principal função da Liturgia, as pessoas são evangelizadas e tocadas pelo amor do Senhor quando contemplam a beleza e a sobriedade das ações litúrgicas.

O que a Liturgia provoca nos fiéis

Celebrar a Liturgia não é apenas repetir gestos ou as palavras de Cristo, com o único propósito de recordá-los, mas é tornar presente – graças a ação do Espírito Santo – a realidade do profundo Mistério Pascal, a fim de que estejamos em comunhão de vida com esse mistério e que por ele nos deixemos tocar e transformar.

Uma Liturgia bem vivida e celebrada facilita a comunhão das pessoas com Deus. Os Ritos Litúrgicos celebrados no esplendor de sua beleza e naturalidade estimulam os fiéis “...à veneração das coisas sagradas, elevam a mente à realidade sobrenatural, nutrem a piedade, fomentam a caridade, aumentam a fé, robustecem a devoção, instruem os simples, ornem o culto de Deus, conservam a religião e distinguem os verdadeiros dos falsos cristãos” (Carta Encíclica *Mediator Dei*, 20).

A beleza da Liturgia

A Liturgia é naturalmente bela: bela no aspecto estético dos objetos e vestes sagradas, no zelo e esmero no que tange a preparação das celebrações e tempos litúrgicos, e bela na santidade que inspira por meio dos gestos do sacerdote – que é um ministro *in Person Christi* (no lugar de Cristo).

A preocupação e o cuidado pela beleza e singularidade da Liturgia, em todos os ritos, é ainda sinal de respeito a Deus. Por isso, a Igreja cuida para que a liturgia cumpra com sua função de, por meio dela, realizar belas ações simbólicas através das quais não somente Deus se manifesta e se relaciona, mas também as pessoas podem ir ao seu encontro.



Referências

Sermões para a Ascensão, Papa Leão Magno

Carta aos Artistas, São João Paulo II

Carta Encíclica Mediator Dei, Papa Pio XII (1974).

O incenso católico é igual aos incensos comuns?



O uso do incenso católico nas Celebrações chama atenção para a sacralidade daquele momento, ainda que os fiéis não compreendam a totalidade do seu significado. Queimar incenso – ou a incensação – exprime reverência e oração, a exemplo do que expressa a Sagrada Escritura:

*“Que minha oração suba até vós como a fumaça do incenso”
(Salmo 140, 2).*

Contudo, os fiéis precisam saber que o incenso católico, utilizado na Liturgia da Igreja, não é o mesmo utilizado em defumadores nos cultos africanos e nem mesmo semelhantes às varetas usadas nas religiões asiáticas e orientais.

**Mas, afinal, qual o significado do incenso para os católicos?
Por que ele é utilizado por outros povos?**

0 incenso no Cristianismo

O uso do incenso pelos cristãos é uma tradição com profundas raízes espirituais. Há milhares de anos o incensar é um gesto que expressa adoração a Deus. No Tabernáculo, assim como no templo, Deus ordenou que um **“altar de incenso”** fosse construído. Deus mandou também que Aarão, o sumo sacerdote, queimasse “um incenso perpétuo perante o Senhor ao longo de suas gerações” (Êxodo 30, 8).

Foi a partir do século IV, que Igreja adotou o incenso em seus ritos para expressar honra ao altar, às relíquias, aos objetos sagrados, aos sacerdotes e aos fiéis. Mas foi somente no século IX que ele passou a ser utilizado também no início da Missa, e apenas no século XI o altar se transformou no centro da incensação. Logo o incenso passou a ser utilizado também sobre as oferendas do pão e do vinho – corpo e sangue de Cristo – recordando a Epifania do Senhor: “Ao entrar na casa viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra” (Mateus 2,11).

Na Liturgia da Missa, durante o ato penitencial a incensação é feita para expiar os pecados, para nos limpar, nos purificar. Já o gesto de incensar o evangeliário demonstra veneração à Bíblia Sagrada. E no momento em que os fiéis são incensados, recorda-se que o Espírito Santo habita em todos. Nesse espírito, é recomendado que o fiel incline a cabeça e trace o sinal da cruz enquanto medita em seu coração com uma prece. Uma sugestão de oração para este momento seria:

“Eleve-se, Senhor, minha oração como este incenso à vossa presença, e desça sobre nós a vossa Misericórdia”.

Os cristãos também utilizam o incenso na Liturgia fúnebre demonstrando que o falecido permanece como membro da Igreja, santificado pelos sacramentos. Portanto, seu corpo morto é

honrado com o incenso recordando como as santas mulheres, na manhã de Páscoa, queriam honrar o corpo de Jesus, ungindo-o com óleos preciosos.

O uso do incenso por outros povos

Os povos romanos e gregos em seus templos tinham um altar para o incenso, que era utilizado em sinal de homenagem e adoração aos ídolos. No culto ao imperador, a incensação possuía valor de reconhecimento da religião e do estado do imperador enquanto deus.

Entre os etruscos, o sumo sacerdote queimava o incenso em braseiros decorados e, com um toque de trombeta, anunciava o fim de um período e o início de um novo tempo. Já na Grécia era costume fazer a incensação da vítima do sacrifício para torná-la mais aceitável diante da divindade. Também pelos gregos o incenso era oferecido aos deuses e eram queimados nas casas dos doentes, pois acreditam que ele tinha um fim terapêutico.

Os israelitas misturavam o incenso a outras substâncias perfumadas e com ele o sumo sacerdote entrava no espaço mais sagrado e reservado do templo. E entre os egípcios, o uso do incenso remonta há pelo menos quinze séculos antes de Cristo. Para eles, o incenso era o “perfume dos deuses”. Eles utilizavam este perfume para os rituais do templo, convencidos de que o incenso podia fazer chegar à divindade os desejos dos homens. Também o definiam como o “suor dos deuses que cai sobre a terra”.

Na Índia o incenso é queimado durante as meditações de yoga, a fim de facilitar o encontro com a divindade. Os indianos também utilizam o incenso para perfumar os fornos crematórios, como rito de passagem da vida terrena à ultraterrena. Além disso, eles utilizam o incenso também para o tratamento de enfermidades nervosas e reumáticas.

Na África o incenso é utilizado para acalmar dores de estômago, para melhorar o funcionamento do fígado e a circulação sanguínea.

Na Europa, em alguns povoados da Áustria e da Suíça, o incenso é queimado nas casas no período compreendido entre o Natal e a Epifania para garantir a boa saúde de todos. Costumam também queimar incenso durante festas de casamento e em bodas de prata, de ouro e de diamante.

Na América Central os maias associavam o incenso à lua, símbolo feminino portador de vida.

Pelo incenso católico, a oração sobe ao céu

Diferentemente do uso do incenso por outros povos, para os cristãos, a incensação envolve uma atmosfera sagrada de oração que, como uma nuvem perfumada, sobe até Deus. No catolicismo, antes de ser utilizado, o incenso recebe uma bênção, por isso adquire um valor sacramental – sinal sagrado.

Para ser usado na liturgia, além da bênção, o incenso precisa obedecer critérios de produção e matéria-prima. Portanto, não é qualquer material que pode ser usado no culto divino.

Então, agora que você conheceu mais sobre o assunto, quando estiver na missa, observe atentamente a forma com que este material é tratado na liturgia.

Gostou do texto? Compartilhe com seus amigos.

Referências bibliográficas:

Catecismo da Igreja Católica (CIC 2111)

Revista Paróquias & Casas Religiosas, ano 1, n.05, março/abril 2007.

<http://www.liturgia.pt/documentos/incenso.php>